

A POÉTICA TEMPORAL DE VANILDO BRITO

(Sinal das Horas, Cantigas de amor para Inalda)

Magna Celi Meira de Souza (UFPB)

Sumário: Introdução

- Desenvolvimento — 1) A inaceitação temporal presente
2) A retenção do passado
3) O tempo “natimorto” e o tempo reinventado

Conclusão.

INTRODUÇÃO

A leitura poética da obra em mostra, dentro da perspectiva temporal das coordenadas analisadas pelo filósofo Heidegger em “O ser e o tempo” (Sein und Zeit), leva-nos a apresentar, se bem que sinteticamente, alguns dos conceitos do mencionado filósofo, a fim de que possamos tentar uma análise da obra que se nos parece encaixar-se na teoria na qual nos propomos enveredar.

O ponto de vista ontológico refere-se ao ser enquanto existe no mundo, ao próprio sentimento de existir. O ponto de vista ôntico é condizente ao fato de que o ser se constitui como ente, relacionando-se com outros entes, a totalidade do mundo natural (homens, animais e plantas, a natureza enfim). Estes dois conceitos se ampliam na idéia de que o homem é ente mundano, existente e ser-no-mundo. O ente no mundo, como já foi explanado, é o ôntico; o existente é o ontológico é o “ser-no-mundo” recebe a terminologia de “Dasein” ou ser-aí. Do ângulo ôntico, o ser-aí é contidianeidade, é mundaneidade. Da ótica ontológica, o ser-aí ou Dasein expressa as possibili-

lidades de se envolver com os problemas pertinentes às suas estruturas fundamentais: sentimento da situação, compreensão, linguagem.

Heidegger chama às modalidades temporais de êxtases temporais. O Dasein, posto que envolvido com situações, interpretações e fala, pode viver um presente inautêntico, sujeito que está às ambigüidades do ponto de vista hermenêutico. Poderá, no entanto, tentar erguer-se e desligar-se deste estado de mundaneidade face à segurança de suas decisões, visto que o Dasein vive em estado de aberto. Se, no entanto, persistir num estado de velamento, enxergando sempre o passado, subordinando-se às lembranças imperfeitas, não alcançará um passado autêntico sem temores do esquecimento o qual constitui a barreira fundamental para o velamento do ser-aí no mundo, o fechamento de si próprio diante dos outros, a fuga constante de si mesmo. O ser-aí ou Dasein vive em expectativa de algo, o que resultará num futuro. Dependendo do modo de ver do ser-aí, ou seja esperando um Bonum Futurum, ele vencerá qualquer medo ou temor que se lhe surja, conquanto esteja circundado pelas coisas ou fatos do mundo, a faticidade. Caso contrário, imerso no temor, sua visão será turvada por um Malum Futurum que o impedirá de se encontrar consigo mesmo. E aí Heidegger resume o sentido existencial do ser-aí no mundo: "Por ter sido e por ser está sendo".

Segundo estes pressupostos, tentaremos, audaciosamente, dar um passeio na obra do poeta Vanildo Brito: "Sinal das Horas/Cantigas de Amor para Inalda", sem no entanto, ousarmos o aprofundamento, consciente que somos de nossas limitações.

Ressaltamos que tal análise será adaptada ao terreno literário.

DESENVOLVIMENTO

1) A inaceitação temporal do presente

O Eu-lírico tenta despojar-se do manto temporal que o envolve e passa a sentir o fluir temporal não como presente, um fluir constante como a própria correnteza do rio, infinito como a própria espera, um vibrar que ora zigue-zagueia para o passado: "A rua da minha infância era o caminho da amplidão/ A rua da minha infância era a própria amplidão." (Infância)

O ser-aí do poeta se situa no mundo, fugindo do *aquí*, do *hoje*, do *agora*. O seu procedimento ôntico, de ser no mundo, amplia sua solidão, seu estado de perdido no mundo, perdido presentemente, vivendo um presente inautêntico, banhando-se de êxtases temporais que demarcam sua fuga do presente: "Aonde o prazer e a luz do agora,/ Do caminhar sem demarcadas rotas?" (Despedida). O êxtase temporal

do presente inautêntico, para Heidegger 'presentar' expressa-se como *vento, pássaro, aranha, espaço arenoso*. Como vento: "O vento do tempo eis que o levou/ Leva-me na asa da tua amplidão" (Despedida). No segundo caso, como pássaro. Como aranha: "Eis que o tempo implacável/Tece e destece as suas teias". Como espaço arenoso: "Os contornos das faces de há muito perdidas/ Na fria areia as ampulhetas". (Elegia II).

Aí percebemos bem o processo criador em que o eu-poético transfunde o tempo poético que é acrônico e inespacial no próprio verbo enunciado, integrando-o de tal modo na corporeidade do poema a torná-lo idêntico ao próprio tempo. Eis que surge, do Olimpo, Cronos a gestar dentro do seio do poeta outros seres numa imanência peculiar da arte poética, o que constata esta quarta dimensão temporal, o tempo da poesia, duma ótica aristotélica e/ou mesmo corroborada por Jacobson em suas lições sobre mensagem poética.

O sentimento de finitude, próprio do Dasein, natural do ser que se situa no mundo, está presente no eu-lírico do poeta, porém de uma maneira ingrata que cerceia o porvir e desmascara o instante hodierno. Envoltos pelo tempo de ontem, o ser-aí transmuta-o em algoz, desmitificando a certeza da beleza temporal do outrora para trazê-la ao espelho da vida a refletir um rosto vivido, experiente, malgrado o desgaste das próprias circunstâncias. Na verdade, o eu-lírico aspira à eternização do presente pela presença viva, jovem da imagem do passado. Eis a fuga. Em "Tempo Bífido", diz o poeta:

O tempo de que sou feito
Já foi outrora meu aliado,
Hoje é o meu cruel senhor
As minhas fundas cicatrizes
São marcas do seu látego implacável.

O tempo de que sou feito
Já foi outrora a minha fantasia,
Hoje é a minha desilusão.

.....

O tempo de que sou feito
É o nuncio da minha perdição."

Não é sem razão que Kant concebe o tempo como a mais característica forma de nossa experiência, alargando-se mais que o espaço, visto penetrar no mundo interior das impressões, emoções e idéias.

Seu fluxo, sucessão e mudança pertencem aos dados precípuos de nossa experiência.

Compreendendo filosoficamente a incompletude do ser-aí no mundo, o eu-poético carrega-se de significabilidade pertinente, contudo, ao equívoco de suas possibilidades maiores. Consciente de sua faticidade, vivência: situações de ser-aí como ecistente, provando o sentido existencial do Dasein: "O tempo em suas malhas tece a morte /.../ o tempo apodrece as raízes do mundo,/ Apaga a memória dos semblantes,/ Extravasa o eco das palavras." (Sibylla).

Culpar o tempo e não culpar a própria compreensão do ser-aí do poeta, eis o procedimento característico do ser-aí no mundo, ser aberto à própria cotidianidade, do eu-lírico do poeta, na sua fictividade enunciada pelo eu-poético.

Este percurso de insustentação temporal presente do eu-lírico determina, também, um modo de ver um tempo que está para ser descoberto ou, indiscutivelmente, já exista simultaneamente dentro de si mesmo, ao que Heidegger chama de "mirada", fator imprescindível para a possibilidade de um des-cortinar futuro, salvando o eu-lírico da visão desfeita da própria totalidade existenciária do ser-aí: "Como entender os vossos gestos, horizontes,/ Núncios do tempo, marcos da amplidão?" (Horizontes). Ou como em "Peregrinação", quando diz: "Depois seguir os horizontes/ E seus marcos de espaço e solidão,/ Até que sob o vento dos agrestes/ O moinho do tempo que, lento/ Como se fosse um repetido agora."

A inaceitação do presente expressa-se num calar o tempo ou num suspender a rota temporal, como fez Josué com o sol. (A.T.). E isto está presente no ser-aí que, embora submerso nos espelhos da mundaneidade, teima solene em refutar os *agoras* prendendo-se aos *ontens*: "E preservar Inalda no ardente mistério/ Do nosso amor refeito e ofertado nos sempre/ Deste momento transfigurado." (Primeira — Cantiga de Amor para Inalda).

2) A retenção do passado

O eu-poético e o eu-lírico se entrelaçam, muitas vezes, mediante o processo artístico da união do referente e do referido, de quem lembra, retendo reminiscências das próprias lembranças vivas, bem guardadas; em outras palavras, do sujeito da enunciação e do objeto enunciado. Tal procedimento situa o Dasein ou eu-lírico num espaço da memória imensurada, dando margem a uma abertura para um caminho seguro, num passeio conhecido no interior do eu-poético. É aí que o Dasein ou eu-poético transmite-se como eu-lírico mais sinceramente, numa terminologia heideggeriana, mais desveladamente, o que

o insere nos anseios da perpetuidade do outrora num moto-contínuo. Assim, em "O Enigma":

"As coisas continuam como dantes
Girando em suas invisíveis órbitas"

ou em "Paisagem":

Sobre a planície adormecia a lua
Nimbava de azul o semblante do tempo.
Não há como tocar essa paisagem;
Há de se vê-la apenas, com olhos de criança
Ou nos longes da saudade salobrada."

também em "Infância":

"A rua da minha infância era o caminho da amplidão.
.....
E se repete em outras ruas, sob o céu
Das infâncias eternas."

Apesar de o eu-poético expressar-se dizendo, em "A saudade impossível", que "Eu não sinto saudades das coisas que passaram/ As coisas findas são lembranças imprecisas/", esta confissão que, numa primeira leitura poética, parece traduzir-se *ipsis literis* como *ausência do que passou*, numa leitura mais profunda, nas entrelinhas, oculta-se um eu-lírico magoado, amargurado que se des-vela pela inversão das palavras, situado que está no próprio consciente do eu-poético quando mais adiante diz: "O que eu sinto é o sofrimento de ver o que poderia ter sido/ Abismar-se no tempo sem retorno." A retenção do passado torna-se mais aguda, mais funda pela própria certeza do não-voltar. Este sentimento de saudade, manifestado pelo eu-lírico, foi bem concebido por Chico Pereira numa de suas crônicas intitulada "Sete sentimentos": "A saudade é tudo o que fica daquilo que não ficou." Num jogo dialético, saudade do que não existiu que deveria ter existido.

O eu-poético persiste na busca de um sonho perdido, proustitamente insiste na tentativa de trazer o tempo onírico ao fluxo temporal contínuo:

"Aonde foram os signos rubros
Das flores e dos crepúsculos?
Aonde o riso dos encontros?
E dos coloridos sonhos?" (Despedida)

Ou ainda em “Revelação”:

Sobre as águas escuras da memória,
Longe da luz do pensamento,
Flutuam rostos e paisagens
Como destroços de um naufrágio lento.

Sobre as águas escuras da memória
Por vezes fulguram as faces
Dos símbolos futuros.”

A retenção dos fragmentos do passado se revelam pela expressão “águas escuras da memória”, comprovando a perda da totalidade dos eventos do ontem, do longínquo.

Verificando certas repetições frasais que estão presentes em vários poemas como “águas escuras da memória”, no anterior, ou “O tempo e que sou feito/ Já foi outrora meu aliado/ ... O tempo de que sou feito/ Já foi outrora a minha fantasia/ (Tempo bífido), ainda “A rua da minha infância era extensa como a espera,/ .../ A rua da minha infância era extensa como o horizonte,/.../ A rua da minha infância era o caminho da amplidão/ (Infância), sentimos, indubitavelmente, a interioridade individualizada do eu-lírico, como bem afirmou Hegel: “O eu não é apenas duração permanente, ou subsistência indefinida, mas conquista-se como individualidade quando se concentra e se volta para si mesmo”.

Às vezes, o Dasein ou eu-lírico vê-se inserido tão limpidamente nos longes do agora o que nos leva à assertiva de que ele manifesta o “poder-ser” ao modo e sua compreensibilidade intrinsecamente pertinente ao seu proceder no mundo:

“As faces fugidias se revelam
Tão nítidas e puras e fixas
Como se sempre houvessem existido
Como se nunca houvera o esquecimento.” (Instante)

Mas o ser do eu-poético tem a força do tempo em suas mãos, em sua face e se, por um lado, deseja resgatar a luz que gostaria de ter vislumbrado nos setembros passados; por outro lado, anseia por sepultar as paisagens de ontem que teimam em magoá-lo. Em “Exorcismo: Exorcizar o que o passado tem

De repugnante e demoníaco;
Despedaçar-lhe os monstros todos
E sepultar seus males e seus restos...”

3) O tempo natimorto e o tempo reinventado

Oscilando entre as lembranças boas do passado e a conquista dos louros do conhecimento, fruto de uma existência consciente num mundo do qual retirou todo o saber e experiência mediante os atributos do “poder-ser” e de suas disponibilidades, o ser-aí do eu-poético, mesmo compreendendo sua finitude, mercê de sua abertura à banalidade mundana, à faticidade e à própria ambigüidade lingüística, transfunde sua emoção em sublimação, aproximando seu eu-lírico do próprio ser do eu-poético, quando se lhe surge lampejos de uma visão futura, relegando o medo a segundo plano e, embora circundado pela angústia da perquirição do porvir, escuta a voz do interior, em busca de “reinventar um tempo” e dar por “natimorto” o tempo que não foi, que não existiu.

No mesmo poema “Exorcismo”:
Depois de lançar a escória das lembranças
No abismo frio do esquecimento,
E conquistar por fim a luz perene
Deste momento repetido e livre
Eis que mantendo o tempo submetido
Às minhas mãos de louca ómnipotência.”

No poema “Outono”, percebe-se uma mutabilidade do proceder, variação emocional do eu-lírico:

Fixo-me nas paisagens sem caminhos
No exercício do amor reinventado.”

Transfigurado na Natureza com uma veste panteísta o eu-lírico confidencia mais uma vez seus anseios de mudança, o que, de um certo modo, corrobora a assertiva heideggeriana de “mirada de um BONUM FUTURUM.”

Vejamos em Elegia/II:

“Sobre o meu hirto rosto de pedra
A canção esperada não medra
E a própria palavra é natimorta.
É preciso inventar uma esperança,
Um luminoso gládio, uma sagrada guerra,
Antes que tudo tenha sido em vão.”

Nas “Cantigas de Amor para Inalda, o eu-lírico se des-vela, no

sentido heideggeriano, chega perto do ser do eu-poético, mediante o deslumbramento do tempo “reinventado”, no esplendoroso desdobramento do eu na sua *amada*, numa comunhão solene, sublime, seguro que esteve galgando os degraus da esperança, salvaguarda dos momentos fugidios: “Este meu tempo é tempo de quem ama/ E enquanto o sol pelos ocasos arde/ Eu me fico a te olhar e a ver a tarde/ Resplandecendo em tua eterna chama/. (Quarta Cantiga)

Este é o momento culminante que registra a atitude firme e des-velada do poder-ser do ser-aí (eu-lírico) que, jungido a sua compreensibilidade desde o passado sombrio, opaco, nublado, amargurando o eu-poético que experienciou a ‘ec-sistênciã’, eleva-se resgatao da convivência existenciária o lume que vai, paulatinamente, pluralizando-se em chama luzente até atingir o sol do Dasein ou, pelo menos, chegar perto de este lampejo que insiste em ser eterno ou mesmo se mostra perenização, eternização.

“Dentro de nós o espanto nasce
Escurecido e mudo.
Dentro de nós, o sol do nosso amor
No seu milagre de eternidade.” (Quinta Cantiga)

Inundado desta chama interior, o eu-lírico extravasa suas emoções, consciente que está este ser-aí de sua finitude, compreendendo, enfim, o que chama Heidegger “o ser para a morte”, como aceitação da finitude vital do ser-aí do eu-poético, caminho verdadeiro para a abertura da “mirada”, da visão dos limites do ser do ser-aí. E surge o Amor como processo, como tessitura de um tempo “reinventado”, para resgatar aquilo que quis ser e não pôde ter sido.

“Como teu amor eu exorcizo as sombras;
Com teu amor eu ponho asas sobre as pedras;
Com teu amor eu reconstruo o próprio tempo. (Oitava)

“Antes da luz do nosso encontro
Nós éramos crisálidas sombrias
Nos desvãos de um destino inconcluso.

.....
Agora somos o resplendor
Do alubrimento e da ternura
Eis que o doirado anel do amor
Em sua chama se perpetua.”

CONCLUSÃO

Concluindo, asseveramos em Sinal das Horas, sobretudo, a consciência fortemente acentuada do passado teimando em interseccionar o presente que o torna inautêntico, todavia o ser-aí, circunstanciado pelos perigos da fala, da situação de ser inserido no mundo e da aparência da compreensão, sofre ao fazer o percurso existenciário emanado, na obra, pelo eu-lírico numa procura constante de um tempo perene, o que conseguirá, em parte, alcançar pelo poder-ser, terminologia heideggeriana que equivale ao poder criador do eu-poético desabrochado ou des-velado pelo "sol", símbolo do amor em seu curso contínuo, paradoxalmente, embora inconcluso, eterno, em Cantigas de Amor para Inalda.

"Nossos corpos constroem
Da sua luz o próprio manto."

(Décima Terceira)